



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

RONIELLE CARNEIRO CLAUDIO

Problematizando a ausência de Formação continuada em educação do campo com os professores da escola Emília Cavalcante de M. Neta.

JOÃO PESSOA-PB
2014

RONIELLE CARNEIRO CLÁUDIO

Problematizando a ausência de Formação continuada em educação do campo com os professores da escola Emília Cavalcante de M. Neta.

Monografia apresentada ao Programa de Especialização em Fundamentos da Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) por Ronielle Carneiro Cláudio sob a orientação da Prof. Ms.Regina Celly N. da Silva para a obtenção do título de especialista.

JOÃO PESSOA-PB
2014

C615p Claudio, Ronielle Carneiro
Problematizando a ausência de formação continuada em
educação do campo com os professores da escola Emília
Cavalcante de M Neta. [manuscrito] / Ronielle Carneiro Claudio. -
2014.

46 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade
Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e
Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof^a. Me^a. Regina celly n. da silva, Centro de
humanidade guarabira campos III".

1. Campo. 2. Formação. 3. Território. I. Título.

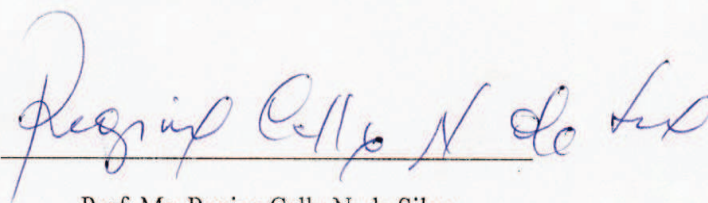
21. ed. CDD 370.19

RONIELLE CARNEIRO CLÁUDIO

Problematizando a ausência de Formação continuada em educação do campo com os professores da escola Emília Cavalcante de M. Neta.

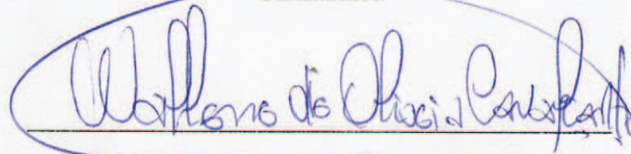
Aprovada em 24/11/2014

Banca Examinadora



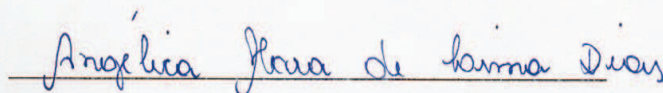
Prof. Ms. Regina Celly N. da Silva

Orientadora



Prof. Ms. Wallene Oliveira Cavalcante

Examinador



Prof. Ms. Angeliza Mara de Lima Dias

Examinador

DEDICATÓRIA

Aos meus professores e colegas de profissão pela amizade e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

À Professora a Ms. Regina Celly N. da Silva pela dedicação e incentivos na minha vida acadêmica e na orientação deste trabalho.

Aos professores do curso de especialização da UEPB, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos Vandeilton e Vicente e as amigas Erika Costa e Jeniffer Vitorino e a minha irmã Rafaela Carneiro pelos momentos de amizade e apoio.

EPÍGRAFE

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirmam como inquietações e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.

Paulo Freire

RESUMO

O referente trabalho tem como objetivo problematizar a formação dos professores da escola Emília Cavalcante Neta no âmbito da formação pedagógica em educação do campo, a escola está localizada no distrito de Lerolândia, zona rural de Santa Rita, um território marcado pela presença da monocultura da cana-de-açúcar. A pesquisa tem como foco refletir a ausência de formação em educação do campo, onde temos uma escola presente na zona rural, mas os professores se baseiam na formação urbana. Além disso, temos outras dificuldades apresentadas como a falta de infraestrutura na escola, problemas com o transporte escolar que levam os estudantes do sítio para a escola. A revisão bibliográfica possibilitou compreender as discussões teóricas sobre a educação do campo e seus conceitos. Entrevistas com professores da escola estabeleceu um olhar crítico desta temática. Além de todas as dificuldades que a escola encontra e a falta de vontade política da secretária de educação são obstáculos que impossibilita esta formação para os docentes da escola Emília Cavalcante de Moraes Neta.

PALAVRAS-CHAVE: Campo, Formação e Território.

RESUMEN

El estudio referente tiene como objetivo discutir la formación de los profesores de la escuela Emilia Cavalcante Neta dentro de la formación del profesorado en el ámbito de la educación, la escuela está situada en el distrito de Lerolândia, zona rural de Santa Rita, un territorio marcado por la presencia del monocultivo de caña de azúcar. La investigación se centra en lo que refleja la falta de formación en el campo de la educación, en el que tenemos una escuela en esta zona rural, pero los profesores se basan en la educación urbana. Además, hemos presentado otras dificultades como la falta de infraestructura en la escuela, problemas con los autobuses escolares que se llevan a los estudiantes a la escuela. La revisión de la literatura nos permitió entender las discusiones teóricas sobre la educación rural y sus conceptos. Las entrevistas con los profesores de la escuela establecieron una mirada crítica a este tema. Además de todas las dificultades que la escuela es y la falta de voluntad política de la Secretaría de Educación son los obstáculos que se oponen a esta escuela de formación para los profesores Emilia Cavalcante de Morais Nieta.

PALABRAS CLAVE: Campo, Formación, Territorio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Frente da escola Emília Cavalcante de.M.Neta.....	23
Foto 2 - Transporte escolar.....	23
Foto 3 - Escola municipal Paulo Jorge.....	30
Foto 4 - Falta de saneamento básico.....	30
Foto 5 - Canavial nas margens da PB025 distrito de Lerolândia.....	30
Foto 6 – Porta da biblioteca e a porta dos professores.....	32
Foto 7 - Auditório Raimundo Nonato.....	33
Foto 8 – Sala de aula.....	33
Foto 9 - Laboratório de informática.....	33
Foto 10 - Área para prática de educação física.....	34
Foto 11 - Sala dos professores.....	34
Foto 12 - A escola municipal Emília Cavalcante de Moraes Neta.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Rede educacional de Santa Rita.....	30
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela1 – Ideb de Santa Rita 4º/ 5º 8º/9º	31
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da cidade de Santa Rita e as respectivas escolas rurais.....	28
---	----

LISTA DE SIGLAS

CNE	Conselho nacional de educação
CPT	Comissão pastoral da terra
EJA	Educação de Jovens e adultos
IBGE	Instituto brasileiro de geografia e estatística
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Leis de diretrizes de base
MST	Movimento sem terra
PIB	Produto interno bruto
PCN	Parâmetro curriculares nacionais
PDDE	Programa dinheiro direto na escola
PNLD	Programa nacional do livro de didático
Pronatec	Programa nacional de acesso ao ensino técnico e emprego
SENAI	Serviço nacional de aprendizagem industrial
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
-----------------	----

CAPÍTULO I

1. PROBLEMATIZANDO A AUSÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM OS PROFESSORES DA ESCOLA EMÍLIA CAVALCANTE DE NETA.....	18
1.1. EDUCAÇÃO NO CAMPO.....	18

CAPÍTULO II

2. AVANÇOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	25
2.1 MUNICÍPIO DE SANTA RITA.....	26
2.2 DISTRITO DE LEROLÂNDIA.....	29
2.3 O QUADRO EDUCACIONAL DE SANTA RITA.....	30
2.4. ESCOLA EMÍLIA CAVALCANTE DE MORAIS NETO.....	32

CAPÍTULO III

3. PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO CAMPO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICES.....	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à Escola Municipal Emília Cavalcante de Moraes Neta localizada no Distrito de Lerolândia, ou seja, situada na Zona Rural de Santa Rita. O tema *Problematizando a Ausência de Formação Continuada em Educação no Campo* com os professores da escola Emília Cavalcante de M. Neta é uma reflexão sobre um tema atual sobre educação do campo.

A educação vem passando por grandes transformações entre elas: a aprovação do PNE e os royalties do Pré-sal. Entretanto, visualizamos enormes desafios, entre eles a educação do Campo que, através dos movimentos sociais ligados ao Campo, fez com que no Brasil educação rural fosse repensada e passasse a ser pensada como educação do Campo e no Campo.

A referente Escola Emília Cavalcante de Moraes Neta está inserida no contexto do mundo rural onde as principais atividades econômicas são a agroindústria canavieira e a coco do Vale onde boa parte da mão-de-obra empregada nessas duas atividades é de Lerolândia. É, nesse contexto, que a escola está inserida num campo voltado para o capital, pois a agricultura familiar não é tão presente no dia-dia das pessoas que ali vivem.

Objetivamos problematizar a formação dos professores da Escola Emília Cavalcante M. Neta no âmbito da formação pedagógica em educação no Campo, pois temos mudanças relevantes no Campo de Santa Rita. Ao mesmo tempo, temos a necessidade de dialogar com uma pedagogia que contemple a realidade dos nossos discentes. Nesta perspectiva que a educação do campo se encaixaria neste contexto, pois a pedagogia adotada no dia-dia é uma pedagogia urbana.

O interesse pelo tema vem de uma necessidade encontrada por mim e pelos professores da Escola Emília Cavalcante M. Neta, uma vez que, no ano de 2011 entramos em contato com o professor Severino Bezerra da Silva para uma parceria com a UFPB e a escola (referida) para uma formação específica em educação no campo, pois também tínhamos uma perspectiva de levar essa formação para todas as escolas da zona rural de Santa Rita, destarte, até àquele momento a secretária de educação – da municipalidade em questão - não tinha tomado posição a respeito do tema.

No que se refere ao aspecto metodológico, o trabalho busca refletir o tema educação no Campo no que tange, especificamente, à formação para os docentes da Escola Emília Cavalcante de Moraes Neta. As referências científicas consultadas permitiram uma compreensão do modelo de pedagogia adotada na escola, principalmente, de caráter urbano, e propor uma pedagogia do campo no campo, que realmente possibilite entender as transformações que ocorrem no entorno da escola, no caso do modelo produtivo adotado na zona rural de Santa Rita e que os nossos alunos possam refletir essa realidade.

A pesquisa teve levantamento fotográfico, questionários, busca pelos *sites* referente ao tema e observação *in loco*. Todos esses procedimentos permitiram uma reflexão a respeito da importância da formação docente em educação no Campo na escola Emília que, infelizmente, desde 2011 quando assumimos a secretária de educação não propôs tal formação.

O Primeiro capítulo abordará os importantes avanços na educação brasileira, sobretudo, as conferências relacionadas à educação no Campo, bem como, as construções dos movimentos sociais e sua realidade conceitual sobre educação no Campo.

O segundo capítulo aborda as questões de legislação que embasam a educação do campo no Brasil e definir a sua atuação nos Estados e Municípios e os programas do governo voltado para educação no campo.

O terceiro capítulo destaca, isto é, põe em perspectiva para assim problematizar a ausência de formação em educação do campo na Escola Emília Cavalcante de Moraes Neta, as dificuldades encontradas na Escola por falta de infraestrutura e incentivos por parte da secretária de educação do município. Enfatizamos as mudanças ocorridas na zona rural de Santa Rita e propomos parcerias com propósitos de levantar reflexões sobre a formação docente.

CAPÍTULO I

1. Problematizando a ausência de Formação continuada em educação do campo com os professores da escola Emília Cavalcante de M. Neta.

1.1. Educação no Campo

A educação brasileira vem atravessando um momento de grandes avanços, sobretudo, no tocante a investimentos, a exemplo, os 10% do PIB para serem investidos na educação e a recente aprovação do plano nacional de educação para os próximos 10 anos. Outros documentos oficiais também são marcas desse avanço como a LDB – Leis de Diretrizes e da Base da Educação - e os PCN's - Planos Curriculares Nacionais -, contudo, a escola do meio urbano e a escola do campo (meio rural) possuem realidades distintas no quesito investimentos e formação pedagógica.

As escolas que estão inseridas na cidade têm o aspecto da visibilidade por parte do poder público e da sociedade, e isto significa que, quando o investimento não vem para a escola, existe toda uma manifestação para a melhoria desta escola, no entanto, quando esta instituição se localiza na zona rural, onde a visibilidade por parte do poder público quase não existe, instala-se o descaso, a invisibilidade por parte do poder público tanto na questão de infraestrutura, como na questão pedagógica, a exemplo, das escolas da zona rural de Santa Rita.

Vale ressaltar que o modelo educacional do nosso país em alguns momentos não dialoga com os documentos oficiais afetando as escolas do meio urbano e, principalmente, as escolas da zona rural. Onde podemos perceber no dia-dia, a influência da pedagogia ensinada nas escolas urbanas, dentro do contexto das escolas rurais. Silva e Araújo (2011, p.30) apontam que “*a educação escolar, em sua maioria obedece a um modelo proposto pelo Estado*”. Nesse apontamento, o Estado não propôs uma reflexão a respeito do modelo de educação para o campo, nesse caso nem sempre a

vontade do Estado é a vontade popular. Entretanto, a década de 1990 foi caracterizado como um momento histórico, a cerca do modelo de escola rural adotado no Brasil. Temas como a questão do modelo pedagógico e a permanência das escolas no mundo rural, dentre outras reivindicações, adquiriram outra perspectiva, surgindo assim, a necessidade de construção da ideia de educação no Campo.

A referente discussão Educação do Campo é resultado das lutas dos trabalhadores do Campo na busca de reconhecimento de uma educação pautada na vida do trabalhador. Desde 1998 os movimentos dos trabalhadores, universidades, entre outros segmentos, vêm propondo uma nova forma de educação do campo. Para Pinheiro (2011, p.4) “[...] a educação do campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descensos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem”.

Diante do exposto acima, as escolas que se localizam na zona rural de Santa Rita vêm sofrendo com a precariedade, o que não é diferente da Escola Emília Cavalcante de Moraes Neta que também passa por ausência de investimentos na sua infraestrutura e o local onde está localizada sofre também com o descaso. A Escola Emilia Cavalcante de Moraes Neta localizada na zona rural de Santa Rita coloca uma questão em debate: a relação campo e rural. O conceito de rural pode ser encontrado em várias literaturas, segundo Endlich (2010, p.23): “*Rural designa uma condição de vida pretérita, que vem sendo superada material e culturalmente. Essa superação não atinge a totalidade da sociedade, pois se trata de um processo que não está isento das contradições que permeiam o capitalismo*”.

A realidade da escola onde está inserida não é diferente, uma vez que, falta saneamento básico, coleta de lixo não regular, moradias precárias dentre outros problemas, mas o distrito de Lerolândia está cercado por uma agroindústria e uma indústria alimentícia, mas os investimentos do poder público não chegam a esse local.

No entanto, Silva e Araújo (2011) dialogam com o contexto do espaço rural como ambiente envolvido no setor primário da economia. Neste caso como a principal atividade da zona rural é geralmente a agricultura, passamos a ter uma visão do campo como atrasada, desfocado da cidade. A discussão sobre o termo “campo” será amplamente refletido no Enera (Encontro nacional de educação na reforma agrária): Por uma educação básica do campo realizada em 1998 em Brasília e também defendido e construindo pelos movimentos sociais estando associada às luta dos trabalhadores e trabalhadoras desse país e que seja uma política pública educacional.

Outros autores vão mencionar esta construção da educação do campo a citar a concepção de Araújo e Silva apud Fernandes e Molina (2011, p.41)

A ideia de educação do campo nasceu em 1997 durante o encontro nacional de educação na reforma agrária, o ENERA, como uma proposta de educar o camponês para que tenha melhores condições de vida e de trabalho, na perspectiva de mantê-lo no campo com dignidade, o que deu início a uma nova forma de pensar e fazer educação no campo.

A “1ª. Conferência Nacional: por uma educação básica do campo” tinha como foco ajudar a recolocar o rural e a educação que a ela se vincula na pauta política do país. Entendemos que é necessário colocar a formação em educação do campo para o professor que está inserido na zona rural.

Um dos objetivos principais da formação dos professores na lógica da educação do campo é quebrar um paradigma, de oferecer uma educação onde os discentes sejam protagonistas no processo de formação escolar, uma vez que, vamos ensinar para os filhos daqueles que constroem a riqueza das indústrias, assim, abrindo caminhos para que eles encontrem outras possibilidades. Apesar de ainda termos uma educação urbana na escola Emília, estamos certos de que a formação em educação do campo já é um começo. Entretanto os autores Araújo e Silva (2011, p. 38): “*Historicamente não houve interesse do poder público em três esferas, federal, estadual e municipal, de desenvolver uma educação voltada para a realidade campesina que atendesse as necessidades socioeconômicas das pessoas que habitam o campo*”.

Além da falta de interesse por parte do Estado nas três esferas em avançar a educação do campo no olhar do trabalhador. A referente expressão “campo” na visão Arroyo, Caldart e Molina 2009, são resultado de uma nomenclatura proclamada pelos movimentos sociais e deve ser adotadas pelas instâncias governamentais e suas políticas governamentais. Temos visões diferentes de educação do campo, de um lado uma visão do Estado, que executa uma política educacional de cima para baixo e a outra é dos movimentos sociais que coloca o trabalhador do campo no centro da educação. Apesar de que, a escola está na zona rural, contudo, à prática pedagógica envolvida ainda é urbana, portanto, distante da pedagogia do Campo. Acreditamos que a nossa tarefa é estabelecer essa ideia acima citada e realizar pedagogicamente que a escola reforce a identidade dos alunos com o local onde eles vivem. Diante disso, os autores Arroyo, Caldart e Molina entendem que, por escola do campo aquela que:

Trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população (2009, p.53).

Assim, a referida Escola Emília Cavalcante de Morais Neta precisa caminhar nessa direção, mas, a carência de formação pedagógica em educação do campo dificulta esse posicionamento político.

Ao contrário do que se propõe a escola do campo, a nossa escola segue outra direção baseada na educação rural numa perspectiva que segundo Oliveira e Campos a educação rural:

Sempre foi instituída pelos organismos oficiais e teve como propósito a escolarização como instrumento de adaptação do homem ao produtismo e a idealização de um mundo do trabalho urbano, tendo sido um elemento que contribuiu ideologicamente para provocar a saída dos sujeitos do campo para se tornarem operários na cidade (2012, p.238).

Por todas as escolas da zona rural de Santa Rita que passei a ideia de uma escola do campo passa distante, por exemplo: Lerolândia¹ possui uma agroindústria e próxima de uma fábrica cuja matéria prima é o coco, quase todos os pais dos nossos alunos, trabalham nesses segmentos da indústria. Sendo assim, a escola reproduz muita coisa do urbano principalmente a parte pedagógica que não é exclusividade da Escola Emília. Quase todas as escolas localizadas na zona rural de Santa Rita não tiveram nenhuma formação em educação do campo.

Entretanto, a escola não possui o ensino médio, com isso os alunos e alunas que terminam o fundamental precisam ir até o centro de Santa Rita para concluir o ensino médio. Outra questão que Arroyo, Caldart e Molina (2009), problematizam que o currículo precisa vislumbrar a relação com o trabalho, uma vez que, os autores reforçam ainda a questão do vínculo entre a educação e cultura e despertam para uma preocupação com o modo como os professores se encontram na zona rural. No entanto, Arroyo, Caldart e Molina (2009:59) reafirmam que os professores são vítimas de um sistema educacional que desvaloriza o seu trabalho, que coloca o meio rural como uma penalização e não uma escolha, que não viabiliza a sua qualificação profissional.

Quando houve o último concurso em 2009 para educação no município de Santa Rita o edital disponibilizava vagas para a zona rural e urbana. A nossa opção foi para a zona rural, onde o número de escolas é bastante significativo entre creches, escolas de ensino fundamental 1 e fundamental 2, uma boa parte dessas escolas se encontram de fato deterioradas, sem nenhuma intervenção da Secretaria de Educação. Outro fato é a relação entre os professores que lecionam na zona rural com a coordenação em educação do campo, que funciona na Secretaria de Educação, até o dado momento, não houve nenhuma articulação para uma formação na educação do campo. E muito menos alguma formação pedagógica, exceto uma atividade no ano de 2011, onde reuniu todos

¹ Cf. Parágrafo primeiro da introdução desta monografia

os professores da rede, para várias palestras, mas nenhuma contemplava a questão do campo.

A nossa escola atualmente vem passando por muitas dificuldades na sua estrutura física, já que a escola foi fundada em 2006. Ela hoje precisa de reparos para atender bem os nossos discentes, por outro lado, temos uma questão muito delicada, e que muitos dos nossos alunos e alunas não são da comunidade, não moram perto da escola, existi uma demanda de alunos e alunas que vem do sítio; a situação não é muito favorável, pois muitos deles são repetentes do ensino fundamental 1. Eles têm dificuldade na escrita e na leitura e sofrem com o descaso do poder público em relação aos atrasos no pagamento do transporte escolar; por várias vezes temos nos deparado com a situação dos transportes que deixa de levar os nossos alunos para escola, quando isso ocorre a um todo comprometimento no ensino aprendido destes alunos.



Foto 1: Frente da escola Emília C.M.N.
Fonte: Cláudio, 2014



Foto 2: Transporte escolar.
Fonte: Cláudio, 2014

Todavia a ausência de formação pedagógica na educação do campo é outro entrave. Percebemos que o nossa forma de lecionar com as características urbanas, parecer desconectava com a realidade da escola e com o mundo rural.

Acredito que a nossa formação continuada em educação do campo estabelece uma quebra de paradigma quando relacionada à concepção de escola rural. Todavia,

Araújo e Silva (2011) reforçam que a formação significa mudança de postura e comportamento de ação e de prática.

CAPÍTULO II

2. AVANÇOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Na constituição brasileira de 1988 no seu artigo 206 “[...] igualdade de condições para o acesso e permanência na escola [...]” Constituição Brasileira. No entanto, esse fragmento constitucional não é seguida a risca, a citar, por exemplo, dos alunos que moram no sítio, onde alguns momentos do ano letivo ficam sem ir à escola por causa do transporte escolar.

Desde que entrei na escola para trabalhar, a Secretaria de Educação não se propôs a realizar alguma formação a respeito do tema. Na LDB 9.394/no seu artigo 28 sobre a educação básica do campo colocando esse tema num patamar de reflexão e de aplicabilidade estabelece algumas normas para a educação do campo:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias às adequações às peculiaridade da vida rural e de cada região, especialmente: I - Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural; II - Organização escolar própria, incluindo adequações do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - Adequação à natureza do trabalho na zona rural. (Brasil, 1996)

Na resolução N° 4/2010, define diretrizes gerais para educação básica no seu artigo 38 diz o seguinte:

A Identidade da escola do campo é definida pela vinculação com as questões inerentes à sua realidade, com propostas pedagógicas que contemplam sua diversidade em todos os aspectos, tais como sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia. (Brasil, 2010).

Outro avanço significativo foi em 2008 a homologação da resolução CNE (CEB nº2 de 28 de Abril, que estabeleceu diretrizes complementares para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da educação básica do campo é definido o conceito de “educação do campo”, que compreende: “*A educação básica em suas etapas de educação infantil, ensino médio e e educação infantil, ensino médio e educação*

profissional técnico de nível médio integrada com o ensino médio, com a finalidade de atender as populações do campo. (MEC, 200, p. 4)”

E quando falamos em avanços na educação do campo temos ainda os programas: Pronacampo, PDDE Campo, programa nacional do livro didático- PNLD Campo, o Mais educação do Campo, Pronatec campo, tudo isso são resultados de demandas dos movimentos sociais que lutam por uma escola do campo para todos que o Estado passou a institucionalizar essas demandas. A referente escola hoje possui o PDDE escola, PDDE campo, PDDE acessibilidade, Mais Educação e o Atleta na escola.

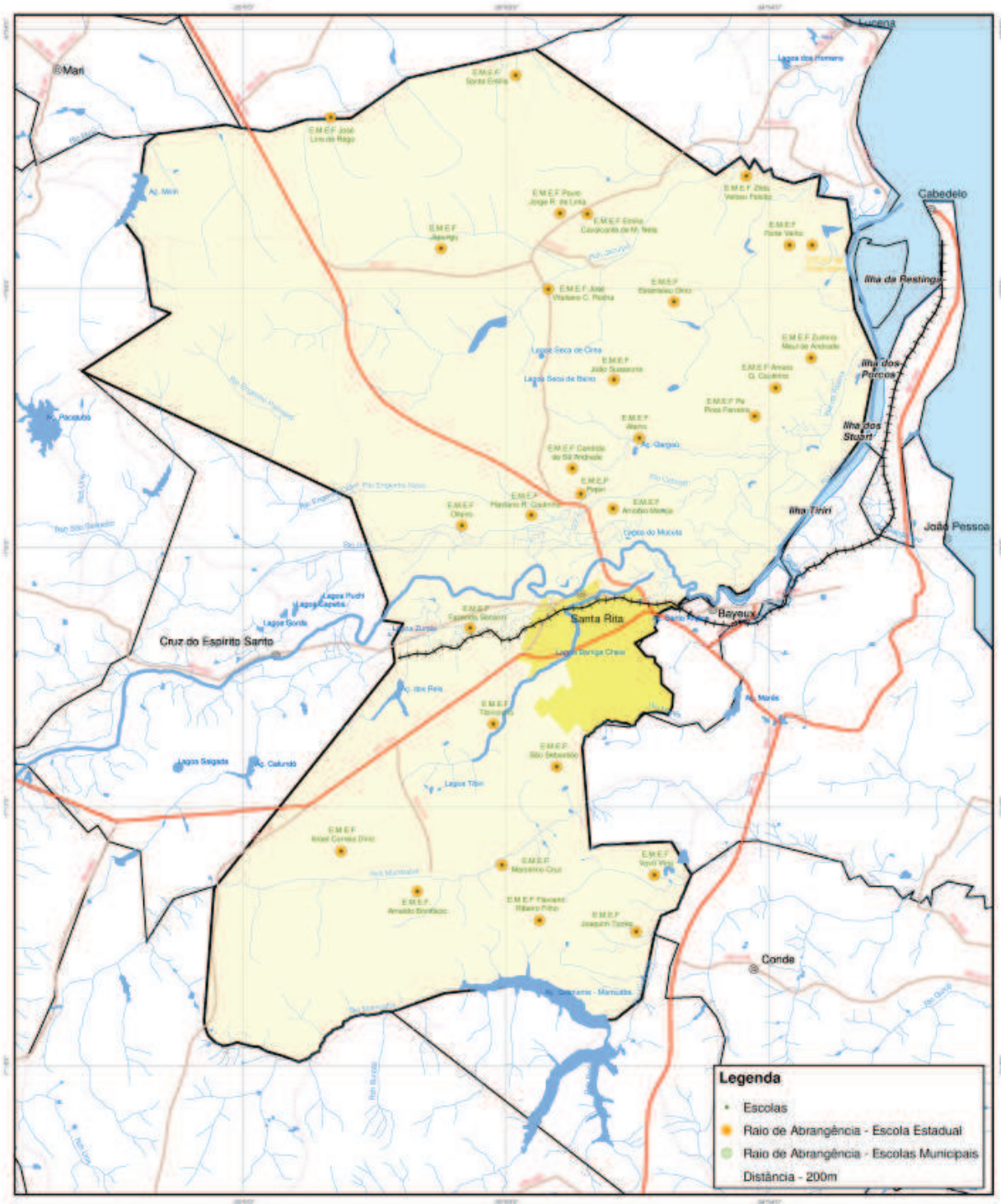
2.1. MUNICÍPIO DE SANTA RITA

Localizado na Mesorregião da mata paraibana e na microrregião de João Pessoa e com uma área total de 726,847 km², o seu índice de desenvolvimento humano municipal é 0,627 com uma população estimada em 133. 927 habitantes, contando com uma densidade demográfica de 165,52 hab/km², conforme os dados de 2011 do IBGE (Instituto brasileiro de geografia estatística) o PIB *per capita* era de R\$ 11, 577. 60. Contudo a população residente alfabetizada gira em torno de 87, 244 pessoas e população residente que frequentava creche e escola somam 39, 135 pessoas dados recentes do IBGE.

Santa Rita possui área urbana industrializada onde o setor terciário movimenta a economia do município. A cidade tem como principais atividades econômicas: as fábricas de olarias, têxteis, Alpargatas (Calçados) e duas importantes fábricas de sisais. A cidade tem um fator importante na sua logística: são as duas BRs federais (101 e a 230) que cruzam por dentro de Santa Rita. Outro ponto relevante é a sua extensa zona rural, onde temos grandes agroindústrias (Miriri, Japungu, Agroval e a São João) que produzem açúcar e álcool.

A produção canavieira coloca a cidade de Santa Rita em destaque nas exportações paraibanas, mencionando outro grande investimento, já perto do distrito de Lerolândia temos a Coco do Valle onde a parte industrial está localizada em Lucena. Outra área de destaque é Odilândia, onde temos importantes empresas instaladas no ramo da exploração das águas minerais, tais como: Indaiá e Sublime. Mais uma vez colocando a cidade em destaque no quesito econômico. A extensa área territorial possibilita o município fazer fronteiras com os respectivos municípios: João Pessoa, Bayeux, Lucena, Cabedelo, Sapé, Rio Tinto, Capim, Cruz do Espírito Santo, Conde, Pedras de Fogo, Alhandra. Todavia a cidade possui o terceiro domicílio eleitoral.

A zona rural conta com uma área significativa com grandes extensões de hectares plantados de cana-de-açúcar. No caso de Lerolândia surgiu no contexto da cana-de-açúcar, nas margens da rodovia estadual PB-025, um distrito que se formou em torno de uma usina canavieira e também de uma indústria que produz alimento derivado do coco.



22 - ANÁLISE Escola Rural - Abrangência do Atendimento



MUNICÍPIO DE SANTA RITA

Responsável Técnico

Eng. Civil Roberto Nobrega Torrealba de Melo - Mec
CREA: 7466 - D 16ª Região

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum: SAD 69
Meridiano Central: -36:00

Fonte: IBGE (Modificado); AESA, Fotogeo, PRBR e DER
Criado no ArcGIS 8 usando ArcMap

Setembro 2006 Escala: 1:150.000

3.500 1.750 0 3.500 Metros

- ⊙ Sedes Municipais
- Linha Ferrea
- Arterial Federal
- Arterial Estadual
- Caminhos
- Drenagem
- Acúdes
- Mancha Urbana de Sta Rita
- Mancha do Município de Santa Rita
- Municípios Vizinhos



Localização no Estado

Figura1: Mapa da cidade de Santa Rita e as respectivas escolas rurais.
Fonte: plano diretor

2.2. DISTRITO DE LEROLÂNDIA

Com uma população estimada em torno de 6 mil pessoas, onde geralmente parte da mão-de-obra que mora em Lerolândia trabalha no setor da agroindústria canavieira e na fábrica de coco. Os pais dos nossos alunos também estão inseridos nesta realidade de trabalhar na usina ou na fábrica de Coco. No turno da noite esse número ainda é maior, quase todos os alunos da EJA, estão nos quadros desses segmentos industriais.

O distrito de Lerolândia ainda é chamado entre os moradores mais antigos de vila, pois era o nome dado pela usina àquele aglomerado. O comércio é pequeno, a agricultura familiar é pouco praticada. No entanto Lerolândia possui alguns equipamentos públicos, tais como o PSF – Programa de Saúde da Família -, uma creche e também existe outra creche que ainda está em construção, duas escolas de ensino fundamental, a Paulo Jorge e a escola Emília Cavalcante de Moraes Neta e nenhuma escola de ensino médio. Quando um estudante conclui o ensino fundamental ele precisa ir até ao centro de Santa Rita para estudar numa escola de ensino médio. Lerolândia possui como equipamento um posto policial e um posto de distribuição dos correios.

O distrito de Lerolândia sofre com dificuldades com o acesso a água, uma boa parte tem poço, a outra fica dependendo da caixa d'água pública que geralmente deixa de fornecer água por causa da falta de manutenção da bomba que rotineiramente quebra. A população local não tem acesso a saneamento básico; as ruas na sua totalidade não são pavimentadas; falta uma parceria em relação os moradores com o poder público em relação à coleta de lixo, onde os moradores têm o hábito de jogar o lixo na estrada. Assim, como toda a zona rural, Lerolândia não possui investimentos necessários nas áreas de infraestrutura e habitação.



Foto3: Escola municipal Paulo Jorge
Fonte: Cláudio, 2014



Foto4: Falta de saneamento básico
Fonte: Cláudio, 2014



Foto 5: Canavial nas margens da PB025 distrito de Lerolândia
Fonte: Cláudio, 2014

2.3. O QUADRO EDUCACIONAL DE SANTA RITA

Atualmente a cidade ganhou importantes instituições educacionais. Recentemente foi a UFPB com o curso de direito; hoje Santa Rita dispõe de uma unidade da universidade federal, o IFPB que está em construção e recentemente chegou o SENAI. Essas instituições colocam o município no desenvolvimento do ensino técnico e superior. Vejamos a tabela dos dados da secretária de educação de 2013 em relação à educação básica.

Quadro 1:

Número de matriculas	Urbana 9.726	Rural 4.227
Número de escolas	Urbana 22	Rural 26
Número de professores	1.310 em sala de aula	

Número de escolas municipais em Lerolândia	2 escolas municipais	
--	----------------------	--

Fonte: Secretária de educação do município de Santa Rita, 2014

Esses dados correspondem ao de 2013, onde mostram que temos mais escolas na zona rural, menos alunos matriculados e no distrito de Lerolândia temos duas escolas que funcionam com ensino fundamental do 1º ao 5º no Paulo Jorge e 6º ano ao 9º na Escola Emília Cavalcante de Moraes Neta.

Tabela 1

4º e 5º anos

Município	Ideb Observado				
	2005	2007	2009	2011	2013
SANTA RITA	2.3	2.6	3.1	3.5	3.2

Fonte: Secretária de educação do município de Santa Rita, 2014

8º e 9º anos

Município	Ideb Observado				
	2005	2007	2009	2011	2013
SANTA RITA	2.2	2.4	2.4	2.8	2.3

Fonte: Secretária de educação do município de Santa Rita, 2014

Dados do Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - reforçam que não avançamos muito na qualidade da educação, principalmente na educação básica do 8º ano ao 9º ano.

2.4. ESCOLA EMÍLIA CAVALCANTE DE MORAIS NETO

A referida Escola Emília Cavalcante de Moraes Neta foi fundada em 2006, localizada no distrito de Lerolândia. No início do ano, a escola contava com 480 alunos matriculados nos três turnos. Nos períodos da manhã e da tarde funciona do 6º ano ao 9º ano, à noite o ensino é voltado para educação de Jovens e adultos, com turmas 1º ciclo e 2º ciclo da EJA e turmas que correspondem da 5ª até a 8ª series também da EJA em modalidade de 6 meses.

No tocante ao número de profissionais que atuam na escola os professores somam 22 e os que estão em formação continuada são no total 13. Vale ressaltar que quase todos os professores concluíram as suas graduações na UFPB e UEPB. Na supervisão educacional são duas profissionais, sendo que as mesmas encontram-se no mestrado. A escola conta ainda com duas intérpretes, 3 agentes administrativos, 8 auxiliares e 2 diretores revezando os três turnos. As fotos abaixo demonstram a precariedade da infraestrutura da escola.



Foto 6:Entrada da biblioteca e dos professores
Fonte: Cláudio, 2014

No aspecto físico da escola, desde a sua fundação a escola não passou por uma grande reforma. Ela contém uma biblioteca, um laboratório de informática, 7 salas de aula, 1 cozinha, 1 auditório, 4 banheiros, 1 sala para os professores e 1 sala para a direção. Ainda possui 1 área de recreação, sem nenhum equipamento de modalidade esportiva.



Foto 7: Auditório Raimundo Nonato
Fonte: Cláudio, 2014



Foto 8: Sala de aula
Fonte: Cláudio, 2014



Foto 9: Laboratório de informática
Fonte: Cláudio, 2014



Foto 10: área para prática de educação física
Fonte: Cláudio, 2014

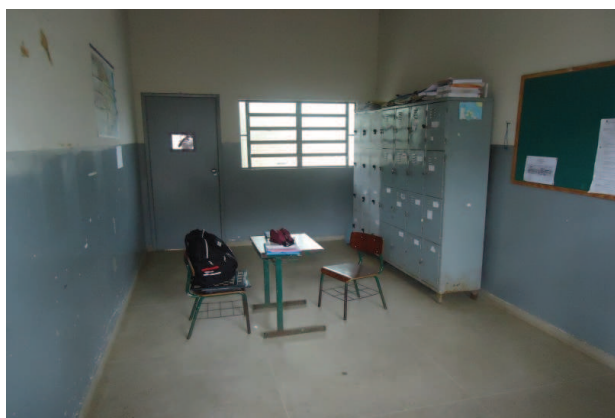


Foto 11: Sala dos professores
Fonte: Cláudio, 2014

A escola atende os alunos que moram em Lerolândia e também aqueles que moram nos sítios afastados da escola. Os sítios contemplados são: Mangereba, Tapira, Jair, Jacaraúna, Estiva, Capitão e Japungu. Com isso a política do transporte escolar é importante. Caso o transporte escolar não cumpra com o seu dever os grandes prejudicados certamente serão os alunos dessas localidades supracitados. A escola conta com importantes programas governamentais como: O Mais educação, programa saúde e prevenção, programa atleta na escola, o PDDE escola, PDDE campo, PDDE acessibilidade e o mais recente o *Pro-jovem* campo.



Foto 12: A escola municipal Emília Cavalcanti de Moraes Neta
Fonte: Cláudio, 2014

Uma constatação importante são algumas mudanças no campo de Santa Rita. A principal delas é a agroindústria Japungu que é responsável por boa parte da contratação da mão de obra daquele local, inclusive, emprega uma boa parte dos pais dos nossos alunos. Todavia, a Japungu está optando em algumas áreas, por fazer o processo de colheita mecanizada, como se percebe, isso demonstra o quanto este espaço também está inserido na lógica do capitalismo que historicamente Santa Rita esteve inserida, bem como, ao modelo da monocultura.

Essa transformação no campo precisa ser refletida dentro do contexto da escola. Será que precisamos de uma educação dos assalariados do campo? São reflexões como esta e, dentre outras, que percebemos o quanto a escola está deslocada dessas transformações às quais estão ocorrendo no entorno do distrito de Lerolândia.

No entanto, precisamos apontar uma educação vinculada ao mundo do trabalho, já que o território no qual a escola está inserida não tem tradição com a agricultura familiar, mas que uma parte significativa da população que mora em Lerolândia tem uma relação de trabalho assalariada com as agroindústrias. Explicita Fernandes

Compreendendo o campo como um território, a educação precisa ser pensada para o seu desenvolvimento. Compreendendo o rural como uma relação social do campo, a educação é pensada como forma de inserção no modelo de desenvolvimento predominante, no caso: o agronegócio (2000, p.34).

Estamos diante de um desafio de mudanças que ocorrem no campo de Santa Rita Fernandes (2000) deixa bem claro a educação rural é pensada para inserir os anseios do capital, de certa forma com a precariedade da escola, e por falta de estrutura pedagógica da escola, a referente escola não consegue atender o objetivo do modelo de desenvolvimento do rural. Para isso, a formação dos professores é importante para delinear uma ação concreta da nossa participação dentro do processo de ensino na visão do campo, ou do “novo campo” que se vislumbra na zona rural de Santa Rita que a rede de ensino ainda não refletiu.

CAPÍTULO III

3. PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO

Partindo da ideia de que a educação rural sempre foi pensada na cidade. No ano de 2011 com a chegada dos concursados na escola, passamos a refletir a pedagogia adotada e as transformações econômicas e sociais que passa a zona Rural de Santa Rita. Passamos a querer entender que tipo de escola estávamos inseridos, quais conteúdos seriam necessários para serem aplicados entre outras quietações.

Realizamos reuniões pedagógicas onde coletivamente sugerimos discutir uma formação em educação do campo, com professor Severino Silva da Universidade Federal, até porque muitos dos professores naquele contexto estavam sem direção pedagógica, pois alguns professores não tinham vivência com a educação rural e muito menos com a educação do campo a exemplo disso, a nossa escolha para a zona rural, foi uma opção prática onde achávamos que teríamos chances passar no concurso, pois se tratava de escolas muito distantes do centro de Santa Rita, e por isso os candidatos optariam em trabalhar na zona urbana.

Tivemos algumas reuniões com professor Severino Silva na escola e outra na universidade federal. A princípio houve uma reunião institucional, que buscava a parceria com a secretária de educação para a formação em educação do campo para os professores do Emília Cavalcante de M. Neta e depois expandir a toda rede estabelecida na zona rural de Santa Rita, mas a proposta não avançou.

Diante disso, além da falta da formação continuada do campo na Escola Emília Cavalcante de Moraes Neta tínhamos que dar conta da precarização da escola que, de certa forma, provocou certo distanciamento da proposta da formação continuada.

Alguns relatos de professores da escola remetem a carência da formação em educação do campo, outra questão é o da infraestrutura que também é uma pauta muito

seria e o suporte no transporte escolar, entre outras preocupações. A entrevista dos professores da escola deixa isso bem evidente a exemplo, do professor Clemilson Cavalcanti que leciona ciência e cursa mestrado. Ele, o professor Clemilson Cavalcanti, colocou algumas preocupações em relação à escola; a professora especialista Fátima Oliveira que leciona português também participa de uma formação continuada é uma das entrevistadas.

Os referidos docentes são formados pela Universidade Federal. Os dois professores têm sete anos de sala de aula no Campo. As diferenças que os dois apontam em relação às tipologias “*escola do campo*” e “*escola do meio urbano*” são pertinentes como no relato de Clemilson Cavalcanti onde levanta a questão dos alunos. Ele entende que do a realidade do tipo de educação do “meio urbano” não respeita o professor, já a docente Fátima Oliveira remete à questão da falta de acesso ao transporte por parte dos alunos do sítio, enquanto os alunos do meio urbano têm acesso mais rápido. Na zona rural segundo ela os alunos são mais disciplinados em relação ao meio urbano. Outra observação que a professora relata na entrevista é o acesso dos alunos do meio urbano aos livros didáticos e às novas tecnologias que, no entanto, a mesma percebe que na zona rural é bem limitado.

No quesito de melhorar o ensino no campo os dois sinalizam pontos diferentes o Clemilson colocar a questão de melhorar a infraestrutura da escola e formação continuada para os professores e melhorar o transporte escolar. Entretanto a professora Fatima Oliveira reforça a questão do transporte escolar, do acesso à tecnologia, como o uso do computador conectado com a internet.

A nossa dificuldade está em garantir para os nossos alunos o transporte escolar, já que a escola atende a um público residente em sítios. A tecnologia dentro do contexto da escola é outro desafio. A formação continuada dos professores em educação do campo também.

Propor uma formação continuada para os professores na linha de uma discussão do ensino aprendizagem, garantir aos nossos alunos uma visão de protagonismos na vida deles, retratar o campo num olhar de oportunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de muitos avanços na educação temos uma tarefa árdua na escola Emília. Primeiro, garantir aos nossos discentes: fardamentos, transporte escolar, merenda de qualidade, investimentos por parte do poder público em infraestrutura dentro da escola, aparelhar a escola com quadra poliesportiva e com computadores.

No entanto, a escola está sendo oportunizada com alguns programas do governo federal, a exemplo do Mais educação e o *Pro-jovem* do campo, mas isso não é suficiente sem o papel da Secretaria de Educação, direção e professores e comunidades, cada uma, evidentemente, exercendo o seu papel. A formação em educação do campo é algo imprescindível para compreender a cultura, economia e a organização do campo para os alunos que frequentam a escola.

Além da formação em educação do campo como o nosso maior foco da pesquisa, temos outra inquietação desdobrada na pesquisa o uso das novas tecnologias. Se o campo está modernizando, a escola também precisa acompanhar essa dinâmica. Precisamos propor a implantação das aulas de informática, o professor precisa buscar outros meios que a escola possui, a exemplificar as novas ferramentas tecnológicas a exemplo do data show.

Nas literaturas que consultamos, passamos a perceber o quanto o Estado está ainda distante da educação do campo, principalmente no tema formação no/do campo e, mas ao mesmo tempo percebemos conquistas dos movimentos sociais ligados a terra, como o MST e a CPT entre outros, que fizeram pressão para que o Estado pudesse reconhecer a educação do campo como política pública.

Na rede de ensino municipal de Santa Rita a formação em educação do campo para os docentes é um desafio, apesar de está chegando vários programas do governo

voltado para educação do campo a exemplo do projovem campo, a questão pedagógica ainda está caminhando no imaginário. Precisamos de parceria com a UFPB, secretária de educação e principalmente com a escola para que possamos tornar a educação no/do campo em uma política educacional do município.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G et al. *Por uma educação do campo*. 4ªed. Petrópolis, RJ: Editora:Vozes, 2009.

ARAÚJO, Ismael Xavier de., e SILVA, Severino Bezerra da. *Educação do campo e a formação sociopolítica do educador*. João Pessoa: Editora: universitária da UFPB, 2011.

Fernandes, Bernardo Mançano. *Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais*. Organizadores Razia, Adalgisa et al. Concepção e fundamentos da educação do campo. João Pessoa: gráfica união, 2012.

ENDLICH, Ângela Maria. *Perspectiva sobre o urbano e o rural*. Organizadores Sposito, Maria Encarnação Beltrão et al. Cidade e Campo. 2ªed. São Paulo: Editora: Expressão popular, 2010.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira e CAMPOS, Marília. *Educação Básica do Campo*. Organizadores, Caldart, Roseli Saete et al. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Editora: Expressão popular, 2012.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. *A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira*. 23 de julho 2014 em<<http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas.shtml>>

Sites Acessados:

[Http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf) 18 de junho<2014>

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992 18 de junho<2014>

<http://pronacampo.mec.gov.br/...pronacampo/17-pdde-campo-programa-dinh...>30 de Agosto <2014>

http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf.../legisla_superior_const.pdf 30 de Agosto <2014>

<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb> 31 de Agosto <2014>

<http://cod.ibge.gov.br/DWEY> 15 de Outubro <2014>

<http://cod.ibge.gov.br/2OHKF> 15 de Outubro <2014>

<http://cod.ibge.gov.br/3J1YE> 15 de Outubro<2014>

APÊNDICES

ENTREVISTA 1 data:5/11/2014

ENTREVISTADO: Clemilson Cavalcanti Idade:35

PROFISSÃO: Professor de Ciências

Escola: Emília Cavalcanti de M. Neta

Lerolândia – Santa Rita

1- Professor, onde e quando se deu a tua formação acadêmica?

R. UFPB – Universidade Federal da Paraíba

2- Sempre desejou ensinar em uma escola no Campo, isto é, na Zona Rural?

R. Sim, porque me identifico melhor

3- Há quantos anos leciona em escola no campo (zona rural)?

R. 7 anos

4- Já havia lecionado antes?

R. Sim

5- Na tua opinião quais são as diferenças entre as escolas urbana e do campo (zona rural)?

R. Principalmente, o comportamento dos alunos, porque, nas escolas urbanas os alunos perderam quase que totalmente o respeito pelo professor.

6- Quais os problemas enfrentados na escola do campo (zona rural)?

R. Infraestrutura falta de formação adequada, pouca informação dos pais, etc.

7- O Senhor participa atualmente de alguma formação continuada?

R. Sim

8- O Estado tem oferecido alguma formação continuada ao longo dos anos?

R. Sim, no meu caso o município.

9- Na tua opinião o que seria necessário para a melhoria do ensino no campo (zona rural)?

R. Melhorar a infraestrutura e a formação continuada dos profissionais que ali estão.

10- Quais são os principais problemas dos alunos que frequentam a escola no campo (zona rural)?

R. São vários, mas o transporte é o pior deles, pois sem eles, os alunos, não chegam à escola, ou seja, ficam sem aula.

ENTREVISTA 2

Escola: Emília Cavalcanti de M. Neta

Lerolândia – Santa Rita

Entrevista com os professores da escola Emília Cavalcanti de Moraes Neta

ENTREVISTADA: Fátima Oliveira Idade: 38

PROFISSÃO: Professora de Português

1- Professora, onde e quando se deu a tua formação acadêmica?

R. **UFPB** – Universidade Federal da Paraíba.

2- Sempre desejou ensinar em uma escola no Campo (Zona rural)?

R. Não

3- Há quantos anos leciona em escola do campo (Zona rural)?

R. Mais de 7 anos

4- Já havia lecionado antes?

R. Sim, porém no início da minha docência sempre lecionei em escolas da zona urbana, mas o contato com a escola no campo foi muito gratificante o que me levou a fazer concurso para zona rural.

5- Na tua opinião quais são as diferenças entre as escolas urbana e do campo (Zona rural)?

R. Zona urbana	Zona rural
✓ Maior acessibilidade	Menos acessibilidade
✓ Mais recursos didáticos e tecnológicos	Menos recursos didáticos e tecnológicos
✓ Menos alunos disciplinados	Mais alunos disciplinados
✓ menos acesso aos pais e a comunidade	Mais acesso aos pais e comunidade

6- Quais os problemas enfrentados na escola do campo (zona rural)?

R. Um dos maiores problemas enfrentados pelos docentes e discentes de escolas do campo é sem dúvida o acesso, o transporte precário que dificulta a frequência dos alunos e o cumprimento da carga horária dos docentes.

7- A senhora participa atualmente de alguma formação continuada?

R. No momento estou fazendo um curso virtual ofertado pela Secretaria de Educação para conselheiros.

8- O Estado tem oferecido alguma formação continuada ao longo dos anos?

R. Não tenho conhecimento, pois leciono em escolas da rede municipal.

9- Na tua opinião o que seria necessário para a melhoria do ensino no campo?

R. Disponibilizar transportes de qualidade para alunos e professores, equipar a escola com tecnologias como um laboratório de informática que, de fato, funcionasse com acesso a *internet*

10- Quais são os principais problemas dos alunos que frequentam a escola no campo (zona rural)?

R. Para os alunos que moram distante da escola, o maior problema enfrentado é com relação ao transporte e acesso ao material para realizar pesquisas e trabalhos escolares.